

CARTA DO EDITOR

Apesar de o **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais** publicar artigos cujos resultados foram obtidos em várias localidades, principalmente do Brasil, ainda há predominância de textos que versam sobre a região amazônica, local onde está situada a instituição responsável pelo periódico. Conseqüentemente, as imagens que compõem a capa de cada uma das edições geralmente ilustram animais, plantas e ecossistemas amazônicos. Apesar de não parecer, a capa do presente número também retrata esta região, estando relacionada a dois estudos ora publicados.

Como todos bem sabem, a região amazônica é composta principalmente por floresta tropical densa. O que pouco se fala é que ela também apresenta vários fragmentos pequenos e isolados de áreas abertas, com vegetação arbustiva, semelhantes às savanas da região africana e do cerrado do Brasil central. Por isso, a foto da capa, que ilustra uma área de savana do Amapá, parece ter sido feita em outra região. Apesar de, à primeira vista, essas áreas serem semelhantes entre si, elas são bastante diferentes quanto ao conjunto de espécies vegetais, como evidenciado no artigo de Rocha & Costa Neto, que apresentaram os resultados de um amplo estudo sobre a composição e a estrutura do estrato herbáceo e arbustivo de 19 áreas, distribuídas nos estados do Amazonas, do Amapá, do Pará e de Roraima. Nessa mesma perspectiva, o artigo de Amaral e colaboradores, por sua vez, apresentou um sistema de classificação e uma chave dicotômica das savanas do Pará e do Amapá, levando em consideração a riqueza de espécies vegetais e a composição florística.

Ainda na área da botânica, Batista e colaboradores apresentaram o primeiro estudo sobre os extratos voláteis da raiz e do rizoma da planta aquática conhecida como aninga (nome científico: *Montrichardia linifera*), bastante comum na região amazônica e amplamente utilizada pelas populações tradicionais como cicatrizante, diurético, antifúngico, anestésico contra ferrada de arraia e no tratamento de feridas e de úlceras.

O registro de plantas do Brasil e de sua importância para os seres humanos é uma prática antiga, como destacado no artigo de Linhares e colaboradores, que realizaram pesquisa documental sobre a história natural das plantas apresentadas na obra do Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres, intitulada "Poranduba maranhense: relação histórica da província do Maranhão", escrita em 1819 e publicada em 1891.

As plantas interagem com vários tipos de seres vivos, principalmente microrganismos, os quais podem ser maléficos ou benéficos para elas. Muitas espécies de fungos de vários grupos taxonômicos crescem somente sobre espécies vegetais, conhecidos como fungos epífitos. Alguns são muito úteis para as plantas, protegendo-as contra o ataque de fungos patógenos. No entanto, ainda há poucos estudos sobre quais espécies de fungos epífitos podem ser úteis contra o ataque dos fungos patógenos. O artigo de Malta e colaboradores, publicado nesta edição, aborda os fungos epífitos associados aos frutos da planta cagaita (nome científico: *Eugenia dysenterica*).

Ao contrário do que se entende pelo senso comum, os micróbios são muito úteis para a sobrevivência das plantas e dos animais, sendo também de extrema importância para a manutenção e regulação dos ecossistemas. No entanto, a contaminação do solo com resíduos químicos pode causar a morte de vários deles e, conseqüentemente, provocar desequilíbrio ambiental. Alguns estudos têm demonstrado que certos microrganismos podem atuar na decomposição dos resíduos, regenerando, assim, o equilíbrio do ecossistema original. Este processo é conhecido como biorremediação. Eles são capazes de tornar inofensivos compostos orgânicos perigosos ao meio ambiente. Leal

e colaboradores apresentaram os resultados de um estudo sobre três inoculantes microbianos na biorremediação de solos contaminados com diesel.

Na área da zoologia, o artigo de Lima e colaboradores apresenta informações detalhadas sobre a anatomia e a morfometria craniana do tico-tico-rei-cinza (nome científico: *Coryphospingus pileatus*), uma ave granívora que utiliza o bico para partir sementes. Esses dados são de grande utilidade para se entender a relação entre a morfologia craniana, a alimentação e a ecologia da espécie, e podem ser utilizados em estudos morfofuncionais e filogenéticos.

Nesta edição, também são publicados artigos sobre o meio ambiente. Além de ser conhecida pela floresta, a região amazônica é famosa também pela existência de inúmeros rios de vários tipos e tamanhos. Apesar de os rios e as florestas serem ambientes distintos, eles estão fortemente conectados. Dessa forma, alterações ambientais drásticas realizadas na floresta afetam também os rios, e vice-versa. No artigo de Dias e colaboradores, foi verificado o impacto das mudanças ambientais causadas pela atividade humana sobre a vazão na bacia do rio Capim, localizada no nordeste do Pará. Dada a importância dos rios para a manutenção da floresta e dos seres humanos, eles precisam ser devidamente estudados e caracterizados por meio de vários métodos. No artigo de Andrade & Mendes, foi feita uma caracterização morfométrica, por meio de métodos geoespaciais, da bacia hidrográfica do rio Caxiuanã, localizado na Floresta Nacional (FLONA) de Caxiuanã, no município de Melgaço, no Pará. Esta FLONA contém uma das maiores áreas de floresta pristina do Pará, além de inúmeros igarapés e rios.

Para finalizar, gostaria de agradecer a todos os profissionais de várias instituições do Brasil, pela leitura e correção dos manuscritos publicados nesta edição, e ao Dr. William L. Overall, pela leitura e edição dos textos em inglês. Sou muito grato à Talita do Vale e à Rafele Silva, da equipe editorial, pelo empenho e esmero na preparação de mais uma edição.

Fernando da Silva Carvalho Filho
Editor Científico